

“Até quando, Senhor?”:

do grito de sofrimento à confiança no Senhor em tempos de crise e pandemia à luz do Salmo 13

*“How long, o Lord?”: from the cry of suffering to trust in
the Lord in times of crisis and pandemic in the light of Psalm 13*

Rogério Goldoni Silveira *

* Mestre em Teologia Bíblica
(Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro).

Professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Brasil.

freiroger@yahoo.com.br

Recebido em: 17/07/2020

Aprovado em: 10/06/2021

Licença Creative Commons
CC BY 4.0



abib
Associação Brasileira
de Pesquisa Bíblica

Resumo

Inserido no Livro I do Saltério (Sl 3–41), o Sl 13 é uma lamentação individual na qual o salmista apresenta todo o seu sofrimento diante do Senhor, suplica e, por fim, manifesta a sua confiança no Senhor. A observação dos elementos sintáticos, semânticos e estilísticos facilita a determinação da sua estrutura em três seções: na primeira (Sl 13,1-3), após o título (v. 1), é apresentado o lamento (v. 2-3), que se faz ouvir diante do Senhor por meio da repetida e enfática pergunta “até quando, Senhor?”; na segunda (Sl 13,4-5), o salmista eleva a sua súplica (v. 4abc) e manifesta a motivação deste pedido de ajuda (v. 4d-5c); na terceira (Sl 13,6), há a declaração de confiança e o louvor, prestado ao Senhor, que age em sua vida. Os elementos da seção II parecem espelhar a seção I. E, de modo geral, este Salmo, que é um modelo dos Salmos de lamentação, revela o movimento estabelecido na vida do orante: do grito de socorro e de uma situação de tormento (v. 2-3) rumo à saída definitiva deste estado de crise profunda. Ao final, sentindo-se ouvido pelo Senhor, o salmista eleva o seu “hino de louvor” cantado em breves palavras (v. 6cd), mas alicerçado na ação segura e firme do Senhor. Por todos estes motivos, o Sl 13 apresenta-se como um importante caminho de oração para o ser humano que vive em meio às crises neste tempo de pandemia.

Palavras-chave: Salmo 13. “Até quando, Senhor?”. Confiança no Senhor. Grito de sofrimento.

Abstract

Inserted in Book I of the Psalter (Ps 3–41), Ps 13 is an individual lamentation in which the psalmist presents all his suffering before the Lord, pleads, and, finally, expresses his trust in the Lord. The observation of syntactic, semantic and stylistic elements facilitates the determination of its structure in three sections: in the first (Ps 13.1-3), after the title (v. 1), the lament is presented (Ps 13.2-3), which is heard before the Lord through the repeated and emphatic question “how long, o Lord?”; in the second (Ps 13.4-5), the psalmist raises his plea (Ps 13.4abc) and expresses the motivation for this

request for help (Ps 13.4d-5c); in the third (Ps 13.6), there is a declaration of trust and praise, given to the Lord, who works in his life. The elements of section II seem to mirror section I. And, in general, this Psalm, which is a model of the Psalms of lamentation, reveals the movement established in the life of the person praying: the cry for help and a situation of torment (Ps 13.2-3) towards the definitive exit from this state of deep crisis. In the end, feeling heard by the Lord, the psalmist raises his “hymn of praise” sung in brief words (Ps 13,6cd), but grounded in the safe and firm action of the Lord. For all these reasons, Ps 13 presents itself as an important path of prayer for the human being who lives in the midst of crises in this time of the pandemic.

Keywords: Psalm 13. “How long, o Lord?”. Trust in the Lord. Scream of suffering.

1 Introdução

“Até quando, Senhor?” parece ser a fórmula que melhor resume a oração de uma pessoa em um contexto de profunda crise. Mas é possível encontrar uma pergunta como esta em um Salmo, cujo teor é a mais pura oração? Sim, é possível, pois um dos elementos fundamentais dos Salmos é a representação da experiência vivida por um povo que experimentou a ação salvífica do Senhor, não como algo do mundo das ideias, mas como realidade tangível.

Talvez seja por isso que alguns desses poemas, como o Sl 13, ecoam profundamente na vida da pessoa que neste tempo de pandemia e crises aproxima-se do Senhor, nem que seja para expressar o seu “até quando, Senhor?”.

De fato, o Sl 13 eterniza a situação existencial do orante (antigo e novo) que se apresenta diante do Senhor com todas as suas crises. Mas o fundamental neste Salmo não é só a pergunta “até quando?” que é rezada com intensidade, mas o movimento todo que ele propõe: do grito de sofrimento à confiança no Senhor.

Por isso, esta pesquisa busca analisar o Sl 13 visando compreender qual é seu escopo comunicativo, uma vez que é um dos Salmos de lamentação mais conhecidos. Além disso, pretende apontar qual seria a sua mensagem para o ser humano de hoje que também vive suas crises neste tempo de pandemia.

Para tanto, após a tradução e segmentação apresentadas pelo autor, serão analisados os diversos elementos semânticos, gramaticais, sintáticos e estilísticos que colaboram na determinação da estrutura do Sl 13 e facilitarão sua compreensão.

Em tempos de tantas crises geradas pelo contexto de pandemia, o Sl 13 pode ser um suporte na vida do fiel que busca sair do horizonte da morte. Ou, ainda mais, pode apresentar, pedagogicamente, um jeito de rezar diante do Senhor, pois se este Salmo é “um eco do respeito da dor que sai continuamente da humanidade” (RAVASI, 2008, p. 254), também poderá revelar um caminho de aproximação ao Senhor e encorajamento diante das crises. Pois “até quando?” é só a primeira palavra. A última será apresentada no Sl 13.

2 Salmo 13: reflexões preliminares

O Sl 13 é uma importante unidade poética inserida no livro I do Saltério (Salmos 3–41). Exclui-se, aqui, os Salmos 1–2 por uma questão metodológica, pois

pesquisadores os propõem como uma moldura inicial do Saltério – enquanto os Salmos 146–150 compõem a moldura final na macroestrutura do Saltério (MARTTILA, 2006).

Partindo da ideia de que o Saltério pode ter passado por um processo de “reticulação”, como uma “formação de uma rede” (LORENZIN, 2001), considera-se a existência de pequenos livros no interior no livro I do Saltério: a) Salmos 3–14; b) 15–24; c) 25–34; d) 35–41.

Nesta seção “a” do livro I estão os Salmos 3–7, que expõem a realidade de pessoas que sofrem e clamam ao Senhor, e os Salmos 10–14 que retratam a ameaça daqueles que, hostilizados, clamam pelo Senhor, pois Nele confiam. Entre estas súplicas, ocorrem o Sl 8 (hino de louvor) – (FERNANDES, 2013) – e o Sl 9 (agradecimento).

De fato, o Sl 13 revela a oração da pessoa que passa por grande terror e tormento (Sl 13,3) e sente sua vida profundamente ameaçada: há um inimigo que se levanta mostrando poder e causando o tormento.

A grande pergunta que impacta a oração do salmista é “até quando, Senhor?”. Esta pergunta parece ser tão próxima à realidade das pessoas que em tempos de crise e pandemia também vivem suas crises e buscam no Senhor resposta e um fio de esperança.

Mas esta dúvida não é, necessariamente, um sinal de descrença. Ela pode despertar a reaproximação com o Senhor e desencadear um movimento que leva a pessoa a declarar sua confiança no Senhor. Qual o sentido deste movimento e o valor desta confiança? O Sl 13 ajudará a responder.

3 Do grito de sofrimento à confiança no Senhor: análise e interpretação do Salmo 13

3.1 Salmo 13: tradução, estrutura e gênero literário

Além da sua brevidade, o Sl 13 tem uma estrutura clara e bem organizada. Compreender a estrutura de uma fala e/ou texto dá a possibilidade de entender o seu escopo comunicativo, pois quem fala e/ou escreve busca comunicar algo que lhe é importante. Portanto, apresenta-se, aqui, a tradução¹ do Sl 13 e, em seguida, são observados os diversos elementos que auxiliarão na interpretação e determinação da sua estrutura visando sua melhor compreensão.

- 1 Para o dirigente. Salmo. De Davi.
- 2a Até quando me esquecerás, SENHOR? Para sempre?
- 2b Até quando esconderás a tua face de mim?
- 3a Até quando *estarei* aterrorizado em minha alma?
- 3b Diariamente *há* tormento no meu coração.
- 3c Até quando meu inimigo se elevará sobre mim?
- 4a Contempla!
- 4b Responde-me, SENHOR meu Deus.
- 4c Faça iluminar meus olhos

¹ A tradução do presente Salmo é apresentada pelo próprio autor, a partir do *códex Leningradense* (B 19a) reproduzido na edição crítica da *Bíblia Hebraica Stuttgartensis* (1967/77).

- 4d para que eu não durma a morte.
 5a Para que o meu inimigo não diga: “superei-o!”,
 5b e meus adversários regozijem,
 5c porque vacilo.
 6a Porém eu confio na tua lealdade.
 6b Meu coração se regozijará em tua salvação!
 6c Cantarei ao SENHOR,
 6d pois me recompensou.

O poema se inicia com a repetição quádrupla da anáfora ‘*ad-’anah* (até quando), nos v. 2a.2b.3a.3c. Porém, verifica-se uma sequência de tríades bem montada e articulada:

- São empregadas três pessoas verbais: a 2ª pessoa singular “tu”, no v. 2; a 1ª pessoa singular “eu”, no v. 3ab; e a 3ª pessoa singular no v. 3c;
- Três verbos imperativos: “contempla” (v. 4a); “responde-me” (v. 4b); “faça iluminar” (v. 4c). Estes verbos parecem dialogar com as três pessoas determinadas nos v. 2-3 (o Senhor, eu, e o inimigo);
- Além disso, a motivação do pedido de ajuda (v. 4d-5d) também é apresentado triplamente: “para que eu não durma a morte” (v. 4d); “para que o meu inimigo não diga: ‘superei-o’” (v. 5a); “e meus adversários regozijem” (v. 5b);
- São empregados três verbos: “confio” (v. 6a); “regozijará” (v. 6b); e “cantarei” (v. 6c). Cada verbo possui um complemento direto: “lealdade” (v. 6a); “salvação” (v. 6b); “Senhor” (v. 6c). E o emprego do sufixo pronominal de 2ª pessoa, masculino, singular “teu/tua” (v. 6ab) e a preposição *l'* “ao” (v. 6c) enfatizam quem é o agente que provoca o louvor na vida do salmista: o Senhor;
- Resta, ainda, uma observação quanto aos v. 5c.6d: à princípio, não se enquadram no esquema ternário. Contudo, a conjunção explicativa *kî* (pois) nos v. 5c.6d é empregada como uma explicação final em cada uma das seções;
- O Tetragrama Sagrado (YHWH), traduzido como “Senhor”, também é apresentado três vezes no Salmo (v. 2a.4b.6c).

Estes padrões expressos no interior do SI 13 ajudam a estabelecer as seções e destacam sua coesão. No geral, após o título (v. 1), há a série de perguntas retóricas “até quando” (v. 2-3c). Depois disso, ocorre uma grande mudança, com verbos imperativos (v. 4abc) e com a motivação apresentada pelo salmista (v. 4d-5c). E, por fim, no v. 6 é mudado o tom da oração, com uma declaração de confiança.

Todos estes elementos apresentados até aqui ajudam a compreender que o SI 13 possui três seções (VAN DER LUGT, 2006, p. 177), representadas no gráfico:

Seção I	Título (v. 1)
v. 1-3	Lamento (v. 2-3)
Seção II	Pedido de ajuda
v. 4-5	

Seção III v. 6	Declaração de confiança e louvor
Seção I v. 1-3	Título (v. 1) Lamento (v. 2-3)
Seção II v. 4-5	Pedido de ajuda
Seção III v. 6	Declaração de confiança e louvor

Embora também seja possível entender o Sl 13 como uma oração (KRAUS, 2009), os pesquisadores são praticamente unânimes na determinação do seu gênero literário: uma lamentação individual (GUNKEL, 1983; ZENGER, 2013).

Dada a brevidade deste Salmo, ele é visto, inclusive, como um modelo no qual se verificam os elementos básicos de uma lamentação, a saber: (a) invocação; (b) lamentação; (c) súplica; (d) conclusão positiva (WESTERMANN, 1994; LORENZIN, 2001).

Após o título (v. 1), é invocado o auxílio do Senhor e apresentada lamentação (v. 2-3). Em seguida, há a súplica (v. 4-5), por meio da qual o salmista implora a ajuda do Senhor (v. 4), pois corre o sério risco da morte, entendido como o triunfo dos seus inimigos sobre si (v. 5). Por fim, encerra o seu lamento com a declaração de confiança no Senhor (v. 6ab) e a expressão do louvor, numa conclusão positiva (v. 6cd).

Após ter deixado o texto dar-se a conhecer, é possível compreendê-lo melhor e tecer a reflexão teológica que se misture com a vida e a ilumine.

3.2 “Até quando, Senhor?": o grito do sofredor (Sl 13,1-3)

Este Salmo se inicia com a série de quatro questões retóricas objetivas e diretas, dadas na anáfora *'ad- 'anah* “até quando?” (v. 2a.2b.3a.3c). Elas apontam para a sua dificuldade particular com o Senhor (v. 2ab), consigo mesmo (v. 3a) e com o inimigo (v. 3c) – ou nos âmbitos (a) teológico e de fé; (b) pessoal/psíquico; (c) social (MAYS, 2010).

Contudo, todo o lamento é endereçado ao Senhor – vocativo que aparece como primeiro membro na oração (v. 2a). Ao evocar o “Senhor”, ou seja, o Tetragrama Sagrado, Nome com o qual o Senhor escolheu se revelar ao seu povo (Ex 3,14), o salmista expõe seu lamento carregado de expectativa, pois ele se dirige àquele que, desde sempre, age em favor do seu povo.

Esperando no Senhor, o povo eleito entendia que saúde e vida feliz eram possibilitadas pelo Senhor à pessoa fiel. E isso é reivindicado quando se reza “até quando?”. Ao que tudo indica, esta pergunta se refere ao silêncio do Senhor, como se Ele tivesse se retirado e abandonado os seus (ZENGER, 2013).

No v. 2ab há duas perguntas dirigidas ao Senhor, formando um paralelo sinônimo. Nelas, o salmista se queixa do esquecimento (v. 2a) e da ocultação da face do Senhor (v. 2b). Ainda que para o leitor moderno pudesse sugerir uma acusação, esta pergunta dirigida ao Senhor revela muito mais a impaciência, angústia, medo... É o drama vivido pelo justo que precisa agarrar-se em algo que lhe mantenha firme diante da sua crise, mas se sente esquecido até mesmo por aquele em quem poderia depositar toda a sua esperança (FERNANDES, 2013).

Alguns textos bíblicos propõem que o Senhor desviaria seu olhar ou a face caso não houvesse conversão (Is 1,15; Mq 3,4; Is 59,2-3). Mas este não parece ser o caso da pessoa que reza o Sl 13, pois ele se dirige ao Senhor como a um amigo, pedindo-lhe que lhe volte a face (literalmente “faces”), pois a face revela toda a predição do Senhor, e o plural “faces” aponta para o constante voltar-se do Senhor em direção do seu povo (ALONSO SCHÖKEL; CARNITI 1996).

Na terceira pergunta (v. 3ab), o salmista apresenta diante do Senhor o seu drama pessoal, é a “dimensão psíquica” (ZENGER, 2013) do sofrimento. O v. 3a foi assumido neste artigo como “até quando *estarei* aterrorizado em minha alma”, pois preserva o paralelismo com o v. 3b “diariamente há tormento no meu coração”.

Neste sentido, terror (v. 3a) e tormento (v. 3b) denotam a totalidade do ser humano, dada nos substantivos *nepeš* (alma) e *lebab* (coração). Observa-se, portanto, a atitude do salmista que está diante do Senhor “com toda a inquietude e agitação do seu ser” (APARICIO RODRÍGUEZ, 2012), enfrentando grande luta interna (FERNANDES, 2013).

Por meio da quarta pergunta (v. 3c) ele expressa sua preocupação com o inimigo. Quem é este? Pode se tratar de pessoa(s) que o faz acreditar que o Senhor o abandonou nas mãos de seus inimigos (DeCLAISSÉ-WALFORD, 2014), a personificação de seus próprios medos (ZENGER, 2013), ou a representação de um inimigo maior, que deixaria sua vida em risco: a morte. Talvez seja mais importante compreender a posição do salmista diante deste inimigo: ele sugere estar diante de alguém que se eleva com poder e perversidade (ROSS, 2011).

No geral, a seção I (v. 1-3) revela a face do orante que está profundamente preocupado. Este “até quando?” é um grito de desafoço da pessoa que sofre e sente-se sozinha, perdida, inclusive sem a proteção do Senhor (Sl 6,4; 10,12; 42,10; 44,25; 74,19; 77,10). Portanto, quem questiona o Senhor não é uma pessoa sem fé ou agnóstica. Pelo contrário, esta sequência de perguntas destaca sua experiência existencial de dor e sofrimento que é apresentada ao Senhor.

Na prática, este sofredor não espera informações sobre prazos, tampouco pretende marcar um limite no seu calendário. O que ele espera, e rápido, é o auxílio do Senhor. Todo o Sl 13 é carregado de existencialidade, porém a seção I parece transbordar esta experiência de dor e sofrimento do salmista diante do Senhor.

A pergunta “até quando?” é a mais recorrente para quem passa por um grande sofrimento, e não deve ser encarada como um crime diante do Senhor, como se Ele ficasse bravo ou a pessoa fosse desmascarada no contexto de dor.

Na visita ao campo de concentração de Auschwitz-Birkenau (Polônia, 2006), Bento XVI, solidário ao sofrimento de tantos que haviam passado por aquele lugar, indagou-se: “Onde estava Deus naqueles dias? Por que Ele silenciou?”. No momento do sofrimento, talvez esta pergunta seja o “gatilho” que ajuda a pessoa a conversar com o Senhor.

Outros Salmos também retratam esta situação de silêncio. Por exemplo, o Sl 83 revela o drama da pessoa que não sente outra coisa senão o silêncio do Senhor: “ó Deus, que em ti não haja silêncio! Não emudeças e não fiques inerte, ó Deus!” (Sl 83,1).

Alguém poderia se perguntar: “como seria possível sentir o silêncio do Senhor? Por acaso essa pessoa teria ouvidos tão aguçados?” Na verdade, quem rezou este Salmo se revela como alguém muito próximo ao Senhor, com fé ancorada Naquele que sempre agiu na história. O silêncio portanto, faz aumentar sua dor, como se tivesse sido esquecido, pois “o silêncio de Deus é mais insuportável para quem crê que o Deus de nossa fé é um Deus vivo” (GUTIÉRREZ, 1987).

Tendo derramado todo o seu sofrimento diante do Senhor, chega o momento de suplicar-lhe ajuda para conseguir superar toda esta crise. Chega, portanto, o momento do pedido de ajuda.

3.3 “Responde-me, Senhor”: o pedido de ajuda do sofredor (Sl 13,4-5)

A esperança mais básica para quem pede ajuda em um momento de sofrimento é a obtenção de uma resposta carregada de ação. No caso do Sl 13, também se observa esta dinâmica. Após ter expressado o “silêncio” do Senhor através do seu lamento, qual seria a atitude de quem reza senão pedir “ação” do Senhor em sua vida? Deste modo, por meio de três frases imperativas (v. 4abc) é pedido o auxílio do Senhor.

Se as quatro anáforas da seção I (v. 2-3) criam certa tensão e transmitem urgência na oração, do mesmo modo estas três frases imperativas (v. 4abc) destacam a urgência no pedido.

E, ainda que tenha apresentado seu lamento nos v. 2-3, o salmista expressa uma nova motivação nos v. 4d-5c. Estes versículos formam uma breve subseção no interior da seção II. Esta motivação é enfatizada pela partícula *pen* (“para que não”), empregada nos v. 4d.5a. No v. 5b esta partícula não ocorre, mas o afeta, já que o v. 5a e o v. 5b formam um paralelismo sinonímico (APARICIO RODRÍGUEZ, 2012).

No geral, a seção II parece espelhar a seção I, ainda que assimetricamente:

- a) Se no v. 2 o salmista lembra o esquecimento e a ocultação da face do Senhor, os dois primeiros imperativos da seção II (v. 4ab) pedem que o Senhor o contemple (considere, veja) e lhe responda. “Contempla” (v. 4a), ou “veja-me” poderia até soar um antropomorfismo. Mas, se lido a partir do v. 2, este pedido faz muito sentido e soa natural: como o Senhor escondeu sua face, agora é hora de implorar “volte sua face para mim!” (ROSS, 2011; DeCLAISSÉ-WALFORD, 2014);
- b) Se no v. 3ab o salmista expressa todo o terror e tormento que vive, elementos que o aproximam mais da morte que da vida, no v. 4c implora “faça iluminar meus olhos”. Este pedido carrega consigo o desejo de que seja restaurado o vigor de sua vida. É como se todo o sofrimento tirasse o “brilho dos olhos”, ou o desejo de viver.

A súplica “faça iluminar meus olhos” (v. 4c) não deve ser vista como o pedido de cura de uma doença ocular, mas como metáfora da morte que se aproxima e da perda do impulso vital, como é sugerido no Sl 38,11 “meu coração palpitou, minha força me abandonou. E, em meus olhos, nem mesmo neles existe luz” (Sl 38,11), e em Dt 34,7; Esd 9,8; Sl 6,8;

- c) Se a seção I foi encerrada com o lamento por causa do “inimigo” que mostra poder sobre o salmista (v. 3c), a seção II também se encerra tocando no mesmo tema. Assim, por um lado, a motivação apresentada nos v. 4d-5b enfatiza a ação de um inimigo que pretende regozijar-se com a morte do orante; por outro lado, enfatiza a súplica “contempla; responde-me; faça iluminar” (v. 4abc). Portanto, este pedido é um perfeito espelho ao lamento apresentado no v. 3c, já que o “inimigo” também pode ser um sinônimo da morte que já rondaria a vida do salmista (KRAUS, 2009).

O lamento foi dirigido todo ao Senhor, que aparece no centro de sua crise. Nada mais natural, portanto, que apelar para Ele na esperança de ser liberto de todo o seu sofrimento (DeCLAISSE-WALFORD, 2014). Por isso, a súplica é toda dirigida ao Senhor, e o apelo é pleno de esperança. Chama-o de “meu Deus” (v. 4b) evocando todo o passado de relação com o Senhor (BACKETT, 2016) e com a firme esperança de recuperar o controle da própria vida, apelando .

A partir deste “diálogo” travado com o Senhor, evidencia-se o desejo de sair da situação conflituosa. A morte, o sono que separaria o salmista da presença do Senhor (v. 4d), mostraria o triunfo sobre ele e até mesmo sobre o Senhor. Neste sentido, a motivação apresentada nos v. 4d-5c enfatiza o sofrimento vivido, mas também faz o Senhor se recordar que é maior que a morte e, por isso, precisa agir (MAYS, 2010).

A súplica é o intenso pedido de ajuda do sofredor que sente sua existencialidade afetada. Além disso, ela é um caminho de reaproximação com o Senhor (WESTERMANN, 1994). Talvez seja por isso que as pessoas buscam mais a religião nos momentos cruciais da vida e, por vezes, tomam rumos diversos. É como se aquele momento terrível se convertesse em uma teofania divina.

Obviamente, tal observação não pretende legitimar todo o sofrimento vivido, como se entendesse que uma pandemia que restringe relações, saca o emprego e tira o pão da mesa de uma família, gera problemas psíquicos, sociais e a morte... fosse a mais bela manifestação divina na vida humana. Pelo contrário, no meio da dor e da desgraça é possível encontrar o Senhor e aproximar-se dele, com a certeza de que sua ação na história o credencia e é base firme para a retomada da fé e a plena manifestação da confiança do orante.

3.4 “Eu confio na tua lealdade”: a confiança e o louvor do fiel (Sl 13,6)

A seção III (v. 6) inicia com a partícula hebraica com valor adversativo *waw* (porém). O emprego desta partícula aponta para uma reviravolta na experiência do salmista, como se ele encontrasse força para enfrentar toda a sua dor e conseguisse galgar caminho para fora desta situação de sofrimento.

Mais do que ter garantia sobre o momento em que ocorre esta transição do lamento à confiança e ao louvor, ou debater se o v. 6 é resultado de acréscimo posterior (KRAUS, 2009; DeCLAISSE-WALFORD, 2014), o Sl 13,6 aponta para uma certeza: o Senhor escuta seu povo. Possivelmente, as crises continuam, mas a sua fé está ancorada na certeza da ação do Deus que sempre age em favor dos seus.

De fato, a profissão de fé do salmista se dá sobre a *hésed* (lealdade) do Senhor. Ao declarar a confiança na *hésed* do Senhor, ele aponta para a ação salvífica na sua história. A *hésed* não é um sentimento, tampouco uma “boa ideia”, mas ação que abrange a

dimensão vital e vitalizante, de modo gratuito. Se deve ser traduzido por “amor”, “misericórdia” ou “lealdade”, parece não ser tão importante quanto saber que a *hêsed* divino é ação (ZOBEL, 2003).

O salmista descobre uma força que é maior que aquela que estava ameaçando sua vida: a fé no Senhor. E aqui começa a virada na sua expectativa, pois sai do lamento rumo à certeza da ação divina: seu lamento se transforma em louvor. Verifica-se “algo mais que um simples marco cultural, algo mais que uma repentina mudança de estado de ânimo” (WESTERMANN, 1994, p. 57-58). Este movimento é reflexo da ação concreta do Senhor já experimentada em outro momento de crise.

Alguns elementos do Sl 13 evidenciam este movimento e causam entusiasmo em quem contempla esta Palavra com profundidade:

- a) Se no v. 3b é o temor que tomou conta do coração, no v. 6b é o gozo propiciado pela salvação, cujo agente é o Senhor;
- b) Se no v. 5b é manifesto o medo de que os adversários se regozijem com derrota/morte do orante, no v. 6b o mesmo verbo é empregado, mas com destaque ao gozo do salmista, revelando que quem crê e regozija por último o faz a partir de uma realidade palpável e concreta. Sua certeza é que “sua vida não é somente a experiência do sofrimento” e medo (ZENGER, 2013);
- c) O v. 6d contrasta com o v. 3c, pois ambos se encerram com *‘alay* (preposição ‘al + sufixo pronominal de 1ª pessoa, singular), cuja ideia básica é “sobre mim”. Portanto, se no v. 3c o salmista sente o pavor de ver seu inimigo se elevar *sobre ele*, no v. 6d ele encerra sua prece propondo os louvores do Senhor, certo de que quem agiu (recompensou “sobre ele”) não foram os inimigos, mas o Senhor mesmo. Os inimigos desapareceram nesta seção III (v. 6).

O emprego do verbo *gîl* (regozijar-se) ajuda na percepção da intensidade deste movimento (do lamento, ao louvor), pois *gîl* tem um alto grau de oralidade, referindo-se à “alegria acompanhada do grito espontâneo e entusiasmado” (BARTH, 2003, p. 2072).

Outro elemento digno de nota nesta seção final é o emprego dos verbos *batah* (confiou – v. 6a) e *gamal* (recompensou – v. 6d): ambos estão no *qal qatal*, um aspecto verbal da língua hebraica que sugere uma ação contínua no passado, com atuação constante no presente, como se o salmista dissesse: “eu confiava, confio e para sempre confiarei”, e o Senhor “me recompensou, recompensa e para sempre me recompensará”.

No v. 6cd estão as últimas palavras do Sl 13. Curioso notar que muitos Salmos iniciam com o canto para anunciar os grandes feitos do Senhor (Sl 33,3; 96,1; 108,1; 149,1). Entretanto, no Sl 13 o canto é anunciado ao final (v. 6c), e também é expressão da vitória experimentada. Além disso, o v. 6cd é praticamente um mini hino de louvor, cantado em brevíssimas palavras.

A pessoa que reza este Sl 13 é alguém marcado pela relação vital com o Senhor. Sua declaração de confiança, portanto, não é mera abstração mental, mas certeza construída em meio ao caos existencial e a partir do propício auxílio divino. Deste modo, ao dizer “eu confio em tua lealdade” (v. 6a) retoma toda sua relação com o Senhor e, assim, consegue fazer este belo movimento: do perigo e medo à confiança e ao louvor (LORENZIN, 2001; ZENGER, 2013). Confiança/fé é força que ajuda o a pessoa a caminhar em meio às tribulações.

4 Considerações finais

“Até quando, Senhor?” certamente é a expressão mais lembrada no Sl 13, pois ela reflete o caráter universal do sofrimento humano, seja das religiões do Antigo Oriente, ou daqueles que hoje professam a fé em Jesus Cristo. Esta também foi a experiência daquele que na cruz sentiu o abandono e exclamou “meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” (Mt 27,46).

Nestes tempos de pandemia, em que as crises e os sofrimentos parecem tomar o espaço da esperança, o fiel se encontra com a figura do salmista que manifesta a sua impaciência diante do Senhor e é capaz de dizer: “esta também é a minha oração!”. De fato, quando o sofrimento é intenso parece não haver tempo suficiente para continuar esperando (KRAUS, 2009).

Mas a experiência daquele que orou o Sl 13 é a de que “nenhuma dificuldade da vida, e nem mesmo a experiência da ausência de Deus, anula o privilégio da fé de falar diretamente a Deus com a fé de ser escutado” (MAYS, 2010, p. 95, tradução minha).

Neste sentido, o Sl 13 revela a importância de aproximar-se do Senhor, ainda que com esta pergunta “até quando?” que soa petulância diante do Senhor. O salmista ensina que rezar ao Senhor tem sentido e valor, e que por meio do seu “até quando, Senhor?” não é um blasfemo que fala, pois no turbilhão do sofrimento, ele não questiona, mas busca o Senhor. Ele ensina que “a oração nascida do sofrimento é a expressão de uma relação amorosa entre Deus e o ser humano” (FARIA, 2003, p. 107).

Cofiando no Senhor, que sempre o auxiliou, ele é capaz de proclamar esta pergunta que é, de fato, um grande grito de ajuda. Por meio do “até quando, Senhor?” o orante não consegue determinar um momento preciso no calendário, mas é capaz de redescobrir um modo diferente de caminhar em meio às crises geradas, principalmente em um tempo como este, de pandemia.

“Até quando?” é a pergunta de quem já não suporta mais encontrar quem ama apenas nas plataformas digitais. É a indagação da família grande que vive em casa pequena e aguarda ansiosamente o momento de poder sair um pouco; de quem abre sua geladeira e deseja algo a mais, que agora não pode comprar, pois precisa poupar o dinheiro; das mães que estão em *home office* e atuando como tutoras e professoras dos filhos; dos pais que deitam e acordam pensando se ainda terão um trabalho; dos religiosos e religiosas que vivem o dilema: “sair e arriscar-se, ou fechar-se para se proteger?”; dos professores que trabalham dobrado; de empresários(as) que pensam “como vou pagar meus colaboradores?”...

O diálogo com o Senhor é um importante destaque presente no Sl 13. Por meio do diálogo, súplica, escuta, lamento... chega-se à melhor compreensão do próprio momento diante de si mesmo, diante do Senhor e do próximo, como foi bem sugerido nas questões apresentadas na seção I (v. 2-3).

Talvez, a principal luz proposta na oração do Sl 13 é a consolidação da fé que tende a se tornar grande no momento do caos existencial. O orante do Sl 13 é capaz de, ao final de sua oração, professar sua fé no Senhor, não como algo etéreo e do mundo das ideias, mas realidade palpável, que toca a roda da sua própria vida. É isto que lhe dá a garantia e esperança de alçar seu pedido ao Senhor (ZENGER, 2013).

Referências

- ALONSO SCHÖKEL, Luis; CARNITI, Cecília. *Salmos (1-72): tradução, introdução e comentário*. São Paulo: Paulus, 1996.
- APARICIO RODRÍGUEZ, Ángel. *Comentario filológico a los Salmos y al Cantar de los Cantares*. Madrid: BAC, 2012.
- BACKETT, Joshua. Lament in three movements: the implications of Psalm 13 for justice and reconciliation. *Journal of Spiritual Formation and Soul Care*. 9, n. 2, p. 207-218, 2016.
- BARTH, Ch. Gíl. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer (Orgs.). *Grande Léxico dell'Antico Testamento*. Brescia: Paideia, 2003. v. 1, p. 2071-2082.
- DeCLAISSÉ-WALFORD, Nancy; JACOBSON, Rolf A.; TANNER, Beth LaNeel (Orgs.). *The book of Psalms*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 2014.
- ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (Eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1967/77.
- FARIA, Jacir de Freitas. Salmos de sofrimento: expressão da interiorização das relações com Deus! *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA)*, Petrópolis, n. 45, p. 105-114, 2003.
- FERNANDES, Leonardo Agostini. O fiel diante das crises: Salmo 42,1-12. In: FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Matthias. *Dança, ó terra: interpretando Salmos*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 91-121.
- GUNKEL, Hermann. *Introducción a los Salmos*. Valência: EDICEP, 1983.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente: uma reflexão a partir do livro de Jó*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos*. Salamanca: Sígueme, 2009. v. 1.
- LORENZIN, Tiziano. *I Salmi*. Milano: Paoline, 2001.
- MARTTILA, Marko. *Collective reinterpretation in the Psalms: a study of the redaction history of the Psalter*. Tübingen: Germany, 2006.
- MAYS, James Luther. *Salmi*. Torino: Claudiana, 2010.
- RAVASI, Gianfranco. *Il libro dei Salmi: commento e attualizzazione*. Vol. I. Bologna: Dehoniane, 2008.
- ROSS, Allen P. *A commentary on the Psalms (1-41)*. vol. I. Grand Rapids, Michigan: Kregel, 2011.
- VAN DER LUGT, Pieter. *Cantos and strophes in biblical Hebrew poetry: with special reference to the first book of the Psalter*. Boston: Brill, 2006.
- WESTERMANN, Claus. *Los Salmos de la Biblia*. Bilbao: EGA, 1994.
- ZENGER, Erich. *I Salmi: preghiera e poesia*. Brescia: Paideia, 2013. v. 1.
- ZOBEL, H. J. Hesed. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer (Orgs.). *Gran Léxico dell'Antico Testamento*. Brescia: Paideia, 2003. v. 3, p. 57-83.